

O grande desafio é o social

As bases do trabalho desenvolvido pelo escritório da Emater em Taguatinga têm mais a ver, segundo o supervisor João Pires da Silva Filho, técnico em agropecuária, com o serviço social do que com a agricultura ou pecuária. Trabalha-se no sentido de educar as pessoas, dando, além de todo tipo de assistência, alternativas para melhoria de condições de vida.

A maioria dos produtores, segundo João Pires, tem por tradição plantar somente o indispensável para viver. Reconhece que a culpa não é exclusiva deles. A terra em que trabalham é ingrata, de baixíssima produtividade, obrigando-os a gastos com insumos, pesando, ainda, o fato de não terem posse. O trabalho dos técnicos, por vezes, se torna difícil já que clientela é arredia e não aceita sugestões que não tragam respostas imediatas.

ESCRITÓRIO

O escritório da Emater funciona no centro de Taguatinga, próximo à Administração Regional e à Caixa Econômica Federal. Conta, além do supervisor, com a engenheira agrônoma Renata Aquino Nunes, o veterinário Lucílio Antônio Ribeiro, o técnico em agropecuária Eugênio Cardoso Boaventura, a economista doméstica Sonia Alves Garcia, o auxiliar de veterinário, Alberto Luz Caires e a secretária de campo, Alaete Rocha Mendes Lima.

O programa traçado pelo escritório para este ano, segundo João Pires, pretende dar continuidade ao que foi feito em 87, articulando não só com a Emater e produtores mas todos os órgãos direta ou indiretamente ligados ao meio rural. Busca maior eficiência do serviço, para torná-lo realmente instrumento catalizador da tomada de consciência e da atitude crítica e reflexiva dos indivíduos, indispensável, conforme afirma, à participação ativa na história e para a transformação da sociedade.

João Pires lembra que a região atendida pela Emater tem grande influência da área urbana de Taguatinga e Ceilândia, onde todas as localidades são servidas por estradas em boas condições e por transporte coletivo. A comunidade com melhor infra-estrutura é a de Boa Esperança, com escola que atende até a 6ª série, posto de saúde e centro comunitário.

Quanto a posse de terras, há o arrendamento no Núcleo Rural, onde predominam produtores de origem japonesa, área com escritura definitiva em Jibóia e Lajes da Jibóia, e posses de pequenas áreas próximas ao centro urbano, Setor P, ou em regiões mais distantes, como Boa Esperança e parte da Guariroba, onde a maioria é de agricultores de origem nordestina.

Na busca de equipar o padrão de vida ao do homem urbano que serve de exemplo, o homem rural da região, segundo João Pires, já tem inerente uma consciência de sua condição de menor atendimento com relação a cidade. Vem a conscientização, assim, da distinção de classe em termos sociais, econômicos e financeiros. As comunidades buscam melhorias no atendimento médico, querem escolas até a 8ª série, lutam por eletrificação, asfalto, melhor transporte coletivo e lazer, entre outros pontos.

Os entraves para se conseguir tais melhorias, diz João Pires, estão sendo vencido aos poucos com a participação efetiva dos produtores. Esta participação se dá com maior intensidade em Boa Esperança, através da Associação de Produtores, presidida por Manoel Albuquerque Barbosa. Nas demais comunidades, essa participação começa pela formação dos grupos para tentar soluções de problemas emergenciais.